

# O aeródromo de Santana



POR MÁRIO MOURA

## Introdução

A meio da pesquisa e escrita do 2.º Volume da Biografia da Ribeira Grande, dedicado ao Nascimento da Cidade, pretendo abordar neste jornal o aeródromo de Santana e o porto de Santa Iria.

As questões à volta do aeródromo da Ilha de São Miguel em Santana, a três quilómetros a poente da Ribeira Grande, e a decisão de o transferir para Ponta Delgada, e do porto de Santa Iria, a cerca de dois quilómetros a nascente, da Ribeira Grande, e a decisão de apostar unicamente no porto artificial de Ponta Delgada, em vez de, como ficara acordado, construir uma alternativa/complemento a Norte da Ilha, são pontos essenciais para perceber quem manda na ilha de S. Miguel, logo que tipo de cidade é a Ribeira Grande.

Se não se cansarem do que escrevo, se o jornal continuar a permitir a minha colaboração e eu, entretanto, não tiver outra ocupação, gostaria também de aproveitar a oportunidade para partilhar neste jornal dois trabalhos não apenas ligados ao trabalho do 2.º volume mas igualmente à feitura de dois catálogos destinados ao uso dos utentes do Arquivo e da Biblioteca Municipal Daniel de Sá: 'Jornais e jornalistas da Ribeira Grande (da origem ao presente)', como apresentação do catálogo da Hemeroteca Municipal e 'Fotógrafos e estúdios fotográficos (da origem ao presente)', destinado ao Catálogo da Imagoteca Municipal.

Só para aguçar a curiosidade aqui vão algumas dicas.

Se se disser que a seguir de Angra e de Ponta Delgada, a Ribeira Grande teve o seu primeiro jornal?

Que o primeiro director do Açoriano Oriental, residente e casado na Ribeira Grande, fundou o segundo jornal da Ribeira Grande?

E que a primeira colaboração de Teófilo de Braga saiu num jornal da Ribeira Grande?

Ou que há fotógrafos e estúdios fotográficos na Ribeira Grande muito próximos da sua implantação em Ponta Delgada?

O que já tenho seguro é o porto de Santa Iria.

Começarei justamente por ele.

Em 2017, no final da apresentação que fiz do primeiro livro do meu amigo Álvaro Feijó, perante as autoridades presentes, meti 'uma cunha'

a favor deste porto; dois anos depois, o Presidente da Junta, convidou-me a dizer algo sobre aquele porto, no dia da freguesia, por não ter dados seguros, com muita pena, declinei o convite; há dias, na apresentação do segundo livro daquele amigo meti outra 'cunha,' revelando, na mesma ocasião a intenção de publicar uma série de 12 artigos sobre o porto de Santa Iria.

De 2017 a 2021, consegui obter dados novos sobre aquele porto.

Antes da versão final que costumo escolher, gosto de 'ensaiar' a versão que já tenho com quem me possa ler por duas razões: por um lado, o tema porto de Santa Iria está 'na ordem do dia,' quero assim 'dar' o que sei a quem tem de decidir bem (com proveito de todos) o futuro daquele porto, por outro lado, quero 'testar a minha versão,' quer a solidez das provas e da interpretação que delas faço quer o modo como transmito esta interpretação, portanto, quero 'despenteiar parágrafos,' como diz Onésimo de Almeida.

Para este ensaio narrativo, escolhi o jornal *Diário dos Açores*, pela sua ligação histórica à História da elevação da Ribeira Grande a Cidade.

Dois exemplos: em 1933, na inauguração oficial do Teatro Ribeira Grandense, Rebelo Bettencourt, o orador da cerimónia, ligado a este jornal, por cortesia, relança a ideia de cidade (1); em 1965, J. Silva Júnior, membro do *Círculo dos Amigos*, não sei se já estaria ou não ligado a este jornal, propõe um programa para a elevação a cidade (2).

Foi neste jornal ainda que, em finais da década de 40 do século passado, Jorge Gamboa, Lucindo Rebelo Machado e o Conde de Caminha esgrimiram apaixonadamente argumentos a favor ou contra o título de Vila-Cidade.

Neste momento, Osvaldo Cabral, no *Diário dos Açores*, abre as portas à História da elevação a cidade que propôs em várias ocasiões.

Relembre-se que a luta final para que a elevação a cidade passasse do sonho à realidade, com muito da alma do Padre Edmundo Pacheco, ocorreu nas páginas do *Correio dos Açores* graças à dedicação de, citemos os mais sonantes, Luciano da Mota Vieira (meu caríssimo professor de História), Sílvio do Couto, Salomão Adrehi, Osvaldo Cabral e Jorge Nascimento Cabral.

Daqui, das páginas deste jornal, julgo que o responsável não se oporá à sugestão, faço um apelo a quem possua imagens ou guarde recordações sobre o porto de Santa Iria, as queira partilhar connosco.

Conto com o leitor?

## Porto de Santa Iria - I

À memória de Monsenhor Cónego Jacinto da Costa Almeida, Reitor do Seminário Menor do Santo Cristo e do Santuário da Esperança, meu mes-



tre de latim, ribeirinho de nascença e de coração, que, nas águas límpidas deste porto que tanto amou, ensinou a nadar 'centenas de jovens da Ribeirinha e arredores.'

Como os leitores bem saberão, o porto de Santa Iria fica na costa Norte da Ilha de São Miguel.

Talvez também saibam que foi o porto da Ribeira Grande e um dos três mais importantes da Ilha, destinado mesmo a ser, conforme as condições climáticas predominantes, alternativa/apoio, a Norte, ao porto de Ponta Delgada, a Sul.

Estarão por certo ao corrente de que goza há anos de pouca saúde. A cura não é coisa de outro mundo, diz-nos quem disso sabe e, todavia, desculpem-nos a perplexidade, porque tarda tanto em curá-lo?

Dar-lhe uma nova vida. Tenho algumas respostas, não julguem que por ser historiador (aprendiz) ando desaparecido no passado, desinteressado pela vida presente, longe disso, porém, não querendo influenciar quem me possa ler, não as vou dar, desafio, antes, os leitores a fazerem-no a propósito dos próximos 12 (doze números).

O que a seguir partilho, sem falas modestias, não será mais do que o contributo de um aprendiz de História para o conhecimento do 'nosso' (os desta área e suponho os da Ilha de São Miguel) porto de Santa Iria. Pretende ser uma achega a todos quantos porfiam, com razão, em dar nova vida a este porto.

Há mais de uma década o acesso ao porto foi oficialmente interdito ao público, o que, apesar das precárias condições, não impede que muita gente o frequente. Neste entretanto de tempo, informa-nos a comunicação social, houve um projecto, cujos contornos desconheci e creio que poucos o terão conhecido, do tempo do Governo do Partido Socialista.

Foi sucessivamente orçamentado e sucessivamente esquecido. Preterido?

Recentemente, houve uma promessa eleitoral do Partido Social Democrata que formou Governo e governa em coligação com outros dois partidos e apoio de incidência parlamentar de outros dois.

A promessa é: '*Requalificar o Porto de Santa Iria, na freguesia da Ribeirinha.*' (3).

Como? Quando? Na gaveta?

Não, segundo consta, estão a 'redefinir' o anterior.

Fui conversar com as pessoas e ouvi de todos a recomendação de que fosse um projecto que não tivesse apenas em conta a esplêndida História daquele local, feita de feitos enormes, de tragédias e de esquecimentos, mas olhasse para as imensas potencialidades presentes desta fabulosa baía.

O Padre Edmundo Pacheco achava que podia ter uma doca flutuante. Outros, deveria ter uma marina, uma estrutura que o Norte da ilha de São Miguel e a Cidade da Ribeira Grande carece para valorizar a Ilha. Não, de todo, a ilha já tem as suficientes. O mar do norte é para esquecer.

Ainda outros, deveria ser um centro de apoio a actividades náuticas na costa Norte da Ilha.

Começemos, então, a esgravatar um pouco da sua história conhecida:

*'Donairoso, nabeleza inconfundível que oferecem as suas linhas, ele estacionará amanhã por alguns momentos entre os azuis do mar e do Céu, em saudação à terra que lhe deu o nome, junto do seu coração, o local onde, as águas da Ribeira Grande e as do imenso oceano escolheram para se abraçarem fraternalmente.'* (4)

Quem era o donairoso referido?

O navio-motor Ribeira Grande da companhia de Navegação Carregadores Açorianos, na sua viagem inaugural. Onde iria estacionar por momentos? Ao largo da foz da ribeira Grande. Quando? No dia 4 de Abril de 1948.

É provável que José Pereira da Silva, homem inteligente e culto, senhor de uma prosa que enfeitiça pela singeleza, que trazia a Ribeira Grande no coração, soubesse que a 3 de Abril completara-se 440 anos sobre a data em que a primeira vereação da Ribeira Grande fora eleita.

Era invulgar a vinda de barcos daquele calado ao Norte da Ilha?

É o que tentaremos ver nas páginas seguintes.

De uma maneira geral, a ideia com que se fica é que as caravelas (e outras embarcações) vinham a Santa Iria.

O porto de Ponta Delgada, mau porto tal como os demais da ilha, possuía condições de apoio: armazéns, Alfândega. Mas os navios vinham ao Norte em alternativa ao Sul. A questão vinha do início do povoamento, os ventos fortes do Sul levavam as